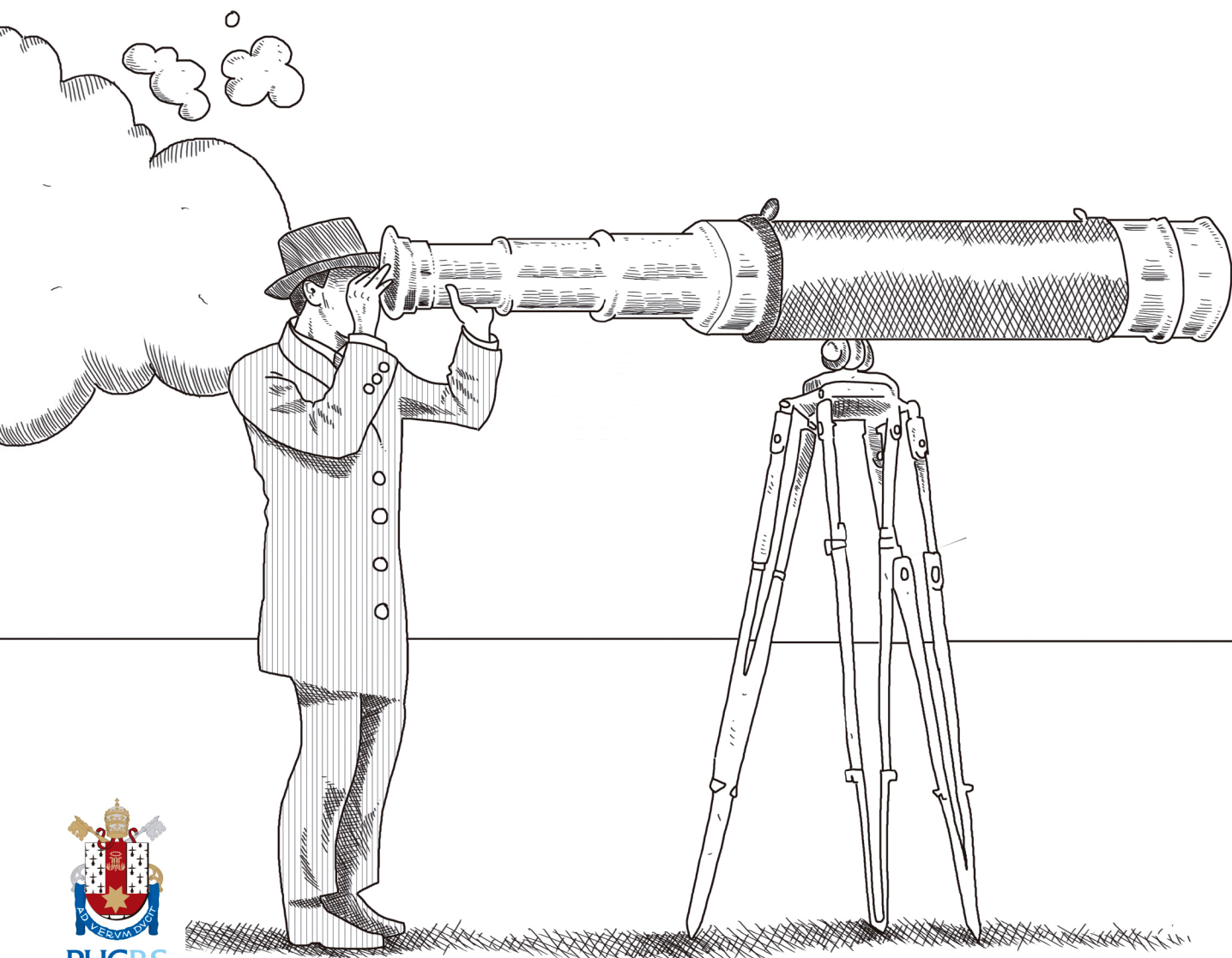


Leituras **PUCRS**

Fronteiras
do Pensamento





Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

Editada pela Assessoria de
Comunicação Social da Pontifícia
Universidade Católica do Rio
Grande do Sul para entrega
no curso de altos estudos
Fronteiras do Pensamento

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO



Avenida Ipiranga, 6681
Prédio 1 – 2º Andar – Sala 202
CEP 90.619-900
Porto Alegre/RS
Fone: (51) 3320-3500
www.pucrs.br

ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR

JOAQUIM CLOTET

Reitor

EVILÁZIO TEIXEIRA

Vice-Reitor

MÁGDA RODRIGUES DA CUNHA

Pró-Reitora Acadêmica

JORGE LUIS NICOLAS AUDY

Pró-Reitor de Pesquisa, Inovação
e Desenvolvimento

SERGIO LUIZ LESSA DE GUSMÃO

Pró-Reitor de Extensão e Assuntos
Comunitários

RICARDO MELO BASTOS

Pró-Reitor de Administração
e Finanças

COMISSÃO EDITORIAL

ALZIRO RODRIGUES

ANA MARIA MARQUES DA SILVA

ANA MARIA WALKER ROIG

FERNANDO DE OLIVEIRA LEMOS

FLÁVIO KIEFER

ORCI PAULINO TEIXEIRA

REGINA KOHLRAUSCH

EDUARDO DE CARVALHO BORBA

Edição

GIOVANI DOMINGOS

Ilustrações

EDIPUCRS

Projeto Gráfico

THIARA SPETH

Diagramação

SHAIANI DUARTE

Capa

ANTÔNIO DALPICOL

FERNANDA LISBÔA

Revisão



SUMÁRIO

4

SALMAN RUSHDIE E RICARDO
PIGLIA: LITERATURA COMO
EXPERIÊNCIA VIVIDA NO MUNDO

Janaína de Azevedo Baladão
Regina Kohlrausch

7

SANDEL, RAWLS E O FUTURO
DAS DEMOCRACIAS LIBERAIS
EM NOSSO SÉCULO

Nythamar de Oliveira

10

CIDADE, PESSOAS
E REDES

Cibele Vieira Figueira

13

VILÃO OU MOCINHO? TRAJETÓRIA
DO DESENVOLVIMENTO
MORAL NA INFÂNCIA

Adriane X. Arteche

16

A DIVULGAÇÃO DO
CONHECIMENTO CIENTÍFICO:
O EXEMPLO DE BRIAN GREENE

Ana Maria Marques da Silva | Maurivan Güntzel Ramos
Valderez Marina do Rosário Lima

20

SUSTENTABILIDADE
REVISITADA

Juarez Freitas

24

PASCAL BRUCKNER, O CRÍTICO
DA FELICIDADE COMO OBRIGAÇÃO

Juremir Machado da Silva

27

SOBRE OS
AUTORES

MENTES ABERTAS AO DEBATE

O PLURALISMO DE IDEIAS, A CONVERGÊNCIA E A DIVERGÊNCIA DE modos de pensar, assim como a multiplicidade de crenças caracterizam a sociedade do conhecimento e da informação.

O Fronteiras do Pensamento constitui um foro incomparável e adequado para conhecer, compreender e debater temas contemporâneos com autores destacados e influentes nas mais diversas expressões da ciência e da cultura. O diálogo, método de longa tradição na busca da verdade, reúne, no mesmo cenário acadêmico, docentes, profissionais, amantes e curiosos de diferentes áreas do saber. A diversidade ideológica, própria do século 21, transforma-se em unidade nem sempre estável e harmonizada, ávida de conhecimento inovador.

A Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em sintonia com a sociedade, com as ideias e as novas tecnologias, situa-se na vanguarda da inovação, assumindo uma atitude receptiva, criativa e, ao mesmo tempo, crítica, alinhada com o respeito, a tolerância e a liberdade.

Com esse espírito, a contribuição dos docentes e pesquisadores da PUCRS na presente publicação busca esclarecer incertezas, fomentar o saber e nutrir o imaginário.

O horizonte das utopias transforma-se paulatinamente quando as mentes se abrem ao debate. Esse tem sido e continuará sendo o marco do *Fronteiras do Pensamento*.

A todos os participantes, o meu desejo de que sigam em frente, com ânimo decidido, pelo caminho das ciências e das artes, orientados pelo imperativo de um dos nossos palestrantes: "*Be fearless and innovate*".

JOAQUIM CLOTET
Reitor

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L533 Leituras PUCRS : Fronteiras do Pensamento / Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. – N. 1 (out. 2014)- . – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2014- .

Anual.
ISSN 2358-7385

1. Cultura - Aspectos Sociais – Periódicos.
2. Antropologia Cultural. I. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

CDD 301.2

Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS

SALMAN RUSHDIE E RICARDO PIGLIA: LITERATURA COMO EXPERIÊNCIA VIVIDA NO MUNDO



JANAÍNA DE
AZEVEDO BALADÃO

REGINA
KOHLRAUSCH

PIGLIA, NO “ÚLTIMO CONTO DE BORGES”, AFIRMA que a leitura é “a arte de construir uma memória pessoal a partir de experiências e lembranças alheias” e que “recordar com uma memória alheia é uma variante do tema do duplo, mas é também uma metáfora perfeita da experiência literária”, explicitando que essa construção da memória pessoal se deve à literatura. Considerando a afirmação da mãe do narrador de “Alvo noturno”, também de Piglia, “ler é pensar”, ou seja, a leitura da literatura é descobrir “o livro onde está claramente expresso o que estivera, confusamente, ainda não pensado por nós”. É dessa construção de experiências e lembranças alheias e da expressão do “ainda não pensado por nós” que o leitor das obras de Piglia e Rushdie se conforma.

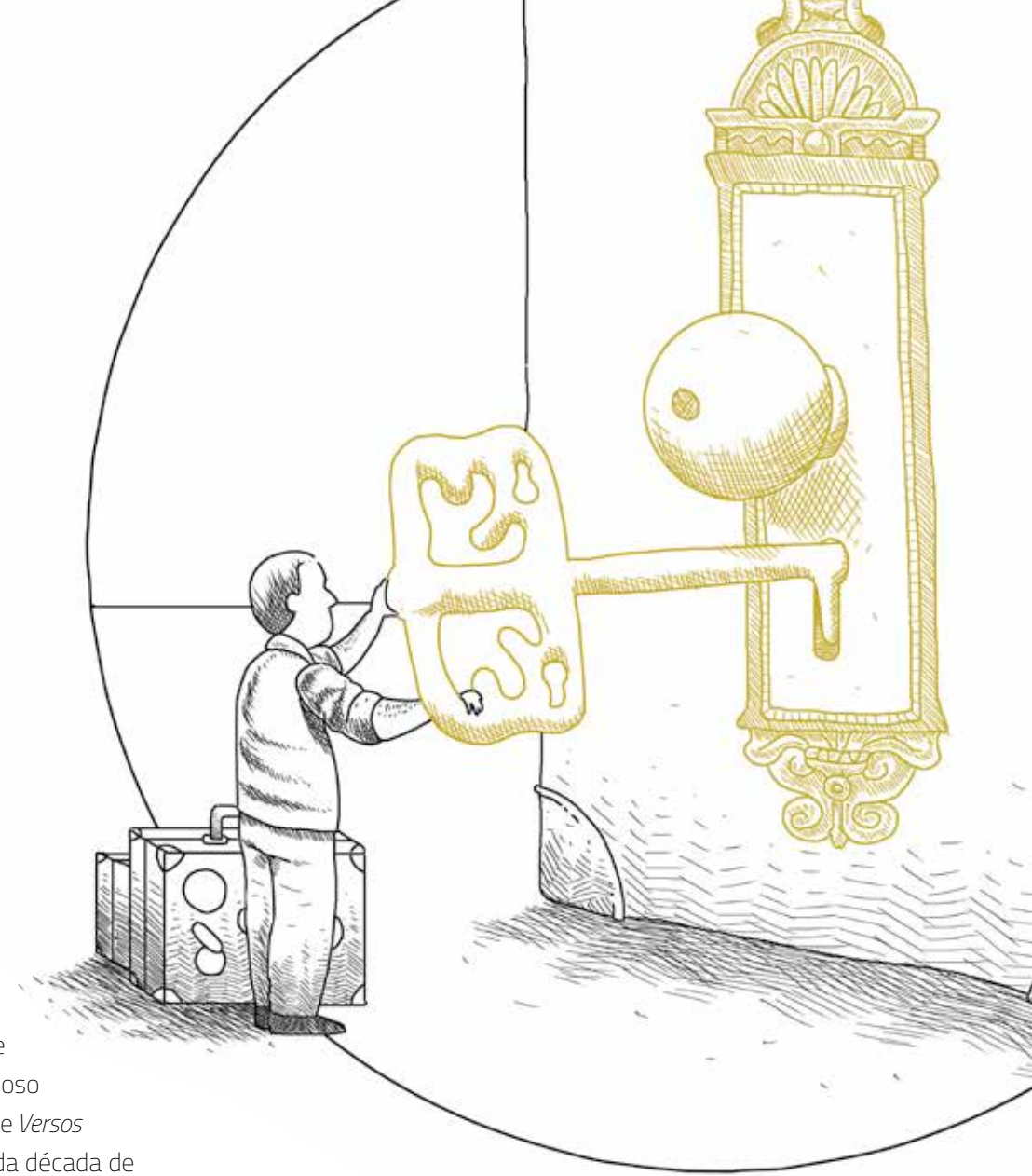
Piglia veio de Adrogué, cidade localizada na área metropolitana de Buenos Aires; Rushdie nasceu em Mumbai, na Índia. Podemos aproximá-los tendo como ponto de interseção a ideia de que a literatura assume um ponto central na vida de ambos os autores. Ricardo Piglia ingressou no mundo literário aos 16 anos, marcando

o início da escrita de um célebre diário. Salman Rushdie tornou-se mundialmente famoso após a publicação de *Versos satânicos*, no final da década de 1980. Como é de público conhecimento, foi obrigado a viver por muitos anos em reclusão, assumindo alguns nomes fictícios, tal como Joseph Anton, pseudônimo que daria nome a um de seus livros. Nessa combinação de vida, morte e literatura, o autor não se calou. Ao contrário, para a sorte de seus leitores, cada vez mais se pode contar com as publicações e com a presença de Rushdie. Como diria o anjo Gibreel Farishta, personagem de *Versos satânicos*, ao despencar do céu: “Para nascer de novo [...] é preciso morrer primeiro”.

Entre suas aparições públicas, destaca-se o dia 12 de maio de 2014, em Porto Alegre, quando se postou tranquilamente diante do público para discorrer sobre como a literatura pode transformar-se em uma leitura do mun-

do, colocando no centro do debate o fato de que os romances podem ter impacto na vida das pessoas nos mais variados lugares. Ainda nesta edição do *Fronteiras do Pensamento*, em novembro, encerrando o ciclo, temos Ricardo Piglia no mesmo palco.

Para ele, a literatura pode adquirir tamanha força que é até possível imaginá-la em um primeiro momento para depois deduzir uma realidade correspondente, em um jogo de espelhos no qual essa realidade seria aquela que a literatura imaginou. Dessa forma, tudo pode ser ficcionalizado, a ficção passaria a ter relação específica com a verdade, ou seja, a re-





alidade seria “tecida de ficções”, para mencionarmos uma imagem do autor argentino. A literatura, portanto, passaria a ser uma experiência tão intensa, uma forma de transformação súbita, que não se diferenciaria muito da vida, já que seria possível enfrentar as questões similares em ambos os lados, um mundo cindido no qual se pode passar de uma a outra direção. Em um sentido amplo, o escritor escreve para poder responder o que é literatura. Como disse Piglia, “a escrita tem uma vantagem sobre a vida, porque na escrita é possível fazer rascunhos”.

Por sua vez, Rushdie chama a atenção para a ideia de que a literatura pode responder a perguntas que vão além do que se tem acesso por meio dos noticiários e das redes sociais. Certo é que as notícias circulam com uma rapidez com a qual o livro não pode competir. Porém, a literatura, em sua visão, apresenta a “experiência vivida no mundo”, que também circularia entre uma e outra direção: um romance visto sob esse ângulo seria capaz de revelar a realidade de lugares distantes e inacessíveis no tempo ou no espaço. Por esse viés, como complementa Piglia, “os grandes textos são os que transformam o modo de ler”, que dão uma ideia de que é possível outra vida e outra realidade.

No entendimento de Rushdie, o ser humano é um contador de histórias, aliás, em resumi-das contas, nossas vidas seriam compostas e estariam entrelaçadas de histórias. Para ele, somos verdadeiramente seres plurais, sempre em mutação constante. Mas não apenas isso: se conseguirmos contar, recontar, descrever,



É no momento em que recontamos e expomos essa narrativa, que está viva dentro de nós, que passamos a entender o que significa a liberdade.



repensar nossas histórias, haverá liberdade, pois é no momento em que recontamos e expomos essa narrativa, que está viva dentro de nós, que passamos a entender o que significa a liberdade. A literatura é poderosa, pois resiste à tirania. Em última instância, como disse Rushdie em sua conferência, a arte busca abrir o universo, expandindo tudo o que sentimos e o que pensamos.

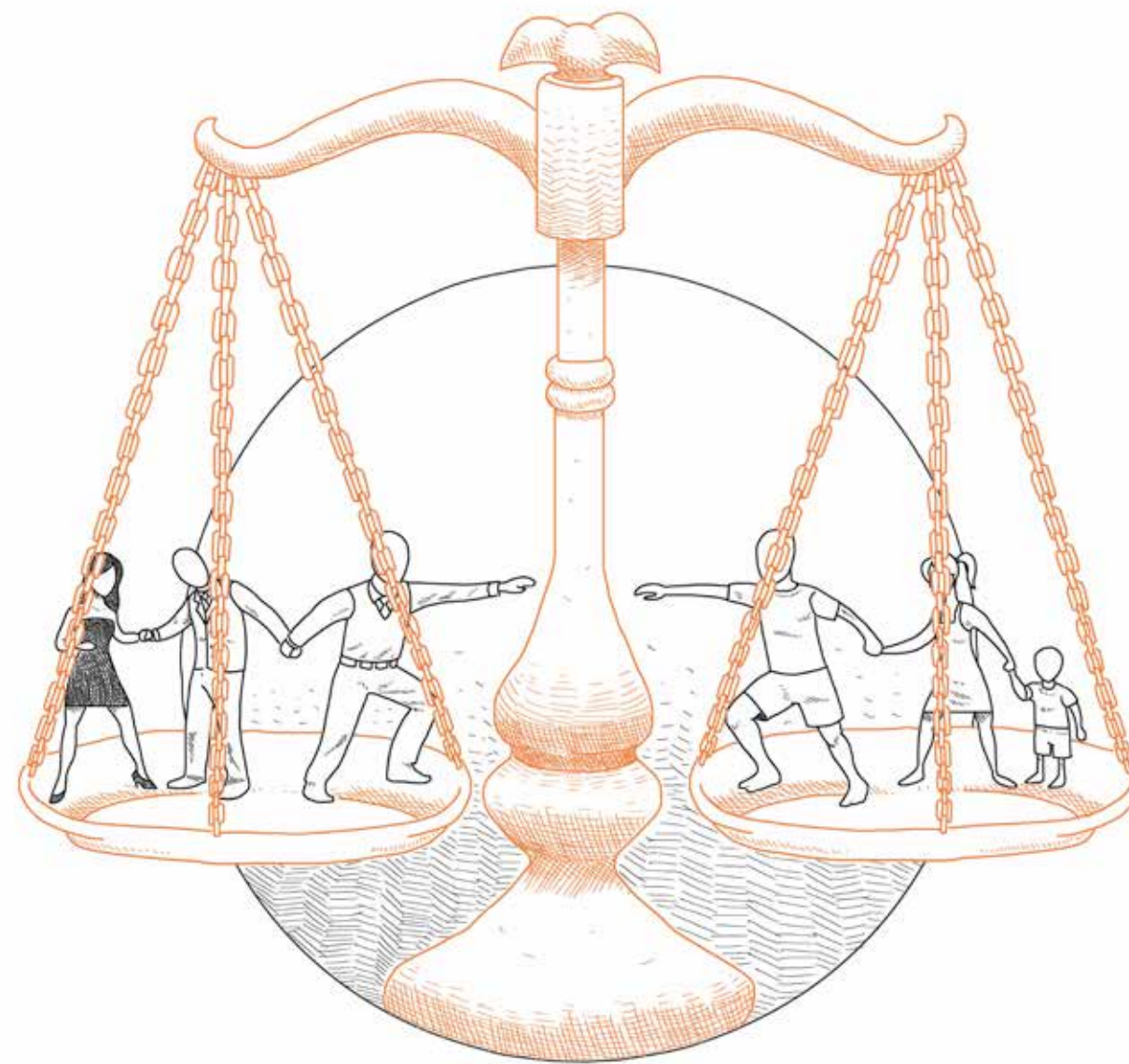
PIGLIA, Ricardo. *Crítica y ficción*. Buenos Aires: DeBolsillo, 2014.

PIGLIA, Ricardo. *Alvo noturno*. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

RUSHDIE, Salman. *Eventos públicos e vida privada: literatura e política no mundo moderno*. Fronteiras do Pensamento, Porto Alegre, 2014.

RUSHDIE, Salman. *Versos satânicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.



SANDEL, RAWLS

E O FUTURO DAS DEMOCRACIAS

LIBERAIS EM NOSSO SÉCULO



NYTHAMAR DE OLIVEIRA

O MUNDO DO CAPITALISMO GLOBALIZADO ASSISTE hoje a grandes conflitos de interesses entre grupos sociais que reivindicam concepções de bem totalmente incompatíveis entre si, tais como os movimentos nacionalistas na Europa do Leste e as organizações islâmicas fundamentalistas que não hesitam em recorrer ao uso irrestrito da violência, ao terrorismo e à guerra para levar a cabo seus intentos revolu- ☺

cionários. Com o advento das novas tecnologias da informação e da comunicação, das redes mundiais de usuários da Internet e de telefonia celular, a propagação exponencial de tais conflitos ocorre de forma rápida e imprevisível, transpondo barreiras territoriais e identitárias. Segundo o filósofo político Michael Sandel, o século 21 assiste hoje não mais a embates ideológicos entre a esquerda e a direita, mas entre os que ainda defendem direitos, valores e escolhas individuais e aqueles que sustentam e promovem uma política do bem comum, arraigada em crenças morais compartilhadas por um grupo social, um povo ou uma nação. Sandel ficou famoso nos Estados Unidos e no mundo inteiro pelas suas aulas e conferências sobre a justiça, na Universidade de Harvard, culminando com um livro que se tornou um dos maiores *best-sellers* da filosofia moral contemporânea, abordando temas tão polêmicos e diversos quanto a ação afirmativa, o casamento entre pessoas do mesmo sexo, o suicídio assistido, o aborto, os limites morais dos mercados financeiros e os conflitos étnico-raciais.¹ Na verdade, o cenário político que conhecemos hoje “no século que iniciou depois do 11 de setembro de 2001”, marcado por profundas e crescentes desigualdades socioeconômicas, ameaças terroristas, imigrações massivas e conflitos étnico-nacionais, foi prognosticado pelo mais notável colega de Sandel em Harvard, John Rawls, cuja obra-prima de 1971, *Uma Teoria*

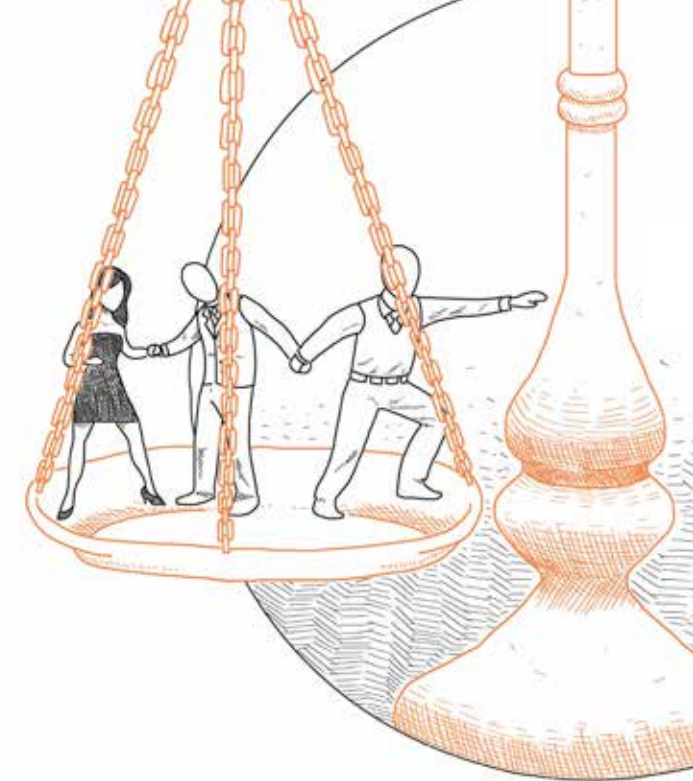


A crítica de Sandel ao liberalismo mostra-nos que nossa identidade (social, cultural, étnica) é determinada por fins descobertos e desvelados pela nossa inserção num determinado contexto social.



da *Justiça*, suscitou infindáveis debates sobre a justiça social, a tolerância, o pluralismo e as novas configurações das democracias liberais.² Segundo Rawls, os princípios de justiça social para uma sociedade idealmente justa (uma “sociedade bem-ordenada”, como deveriam ser as democracias constitucionais onde os critérios públicos de justiça são reconhecidos e respeitados por todos os cidadãos) seriam escolhidos pelas partes contratantes numa “posição original”, onde se estabelecem procedimentos equitativos para se chegar a uma ideia de justiça social, sem que os agentes morais e atores políticos tivessem conhecimento de vantagens ou privilégios particulares, que seriam neutralizados por um “véu de ignorância”. A crítica comunitarista de Sandel, “segundo o próprio Rawls, a mais contundente dentre todas”, veio a público logo no início dos anos de 1980 e colocava em xeque a “deontologia com

rostro humeano” inerente à teoria rawlsiana de um “liberalismo deontológico” combinado com um “empirismo razoável”.³ A fim de obter uma “política liberal sem constrangimento metafísico”, Sandel exortava Rawls, em última instância, a abandonar a argumentação deontológica de um “eu desimpedido” (*unencumbered self*), “incapaz de autorrespeito” e de “autoconhecimento, em qualquer sentido moralmente sério”. É sabido que Rawls foi levado a reformular seu liberalismo político, partindo do contexto do pluralismo razoável e afastando-se de uma teoria moral abrangente de justiça. Embora essa possa ter sido uma mudança estratégica, da parte de Rawls, na ordem de apresentação da sua teoria (não mais do abstrato ao concreto), foi a crítica de Sandel ao liberalismo e ao seu individualismo metodológico que o motivou a partir da perspectiva democrático-deliberativa de uma teoria não ideal da justiça, da cultura política de uma sociedade concreta, em direção a formulações abstratas de uma teoria ideal, quando, por exemplo, se conjectura acerca de “quais são os princípios mais razoáveis de justiça política para uma democracia constitucional cujos cidadãos são considerados livres e iguais, razoáveis e racionais?” A resposta de Rawls é que devemos constantemente rever, revisar e calibrar nossos juízos após sistemática e contínua deliberação, consultas populares (plebiscitos, referendos), revisões judiciais e reformas das instituições políticas e governamentais. Entretanto, a crítica comunitarista de autores tão diversos quanto Charles Taylor (mentor de Sandel em Oxford), Alasdair MacIntyre e Michael Walzer tem sido problematizada, na medida em que ainda pressupõe valores liberais de modelos universalistas, como Rawls postulava. O comunitarismo tem sido compreendido, desde a crítica de Sandel ao liberalismo, como uma



reformulação teórico-política do ideal republicano de comunidade enquanto fundamento, princípio ou justificativa racional da sociabilidade inerente a uma teoria da justiça, numa rejeição explícita do ideal de autonomia individual. Em última análise, a crítica de Sandel ao liberalismo mostra-nos que nossa identidade (social, cultural, étnica) é, na verdade, determinada por fins que não foram escolhidos por indivíduos isolados ou desinteressados, mas descobertos e desvelados pela nossa inserção num determinado contexto social.

¹ SANDEL, Michael J. *Justice: What's the Right Thing to Do?* New York: Farrar, Straus, and Giroux, 2009. Em port.: *Justiça. O que é fazer a coisa certa*. Trad. H. Matias e M.A. Máximo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

² RAWLS, John. *A Theory of Justice*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1971. Em port.: *Uma Teoria da Justiça*. 3. ed. Trad. J. Simões. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

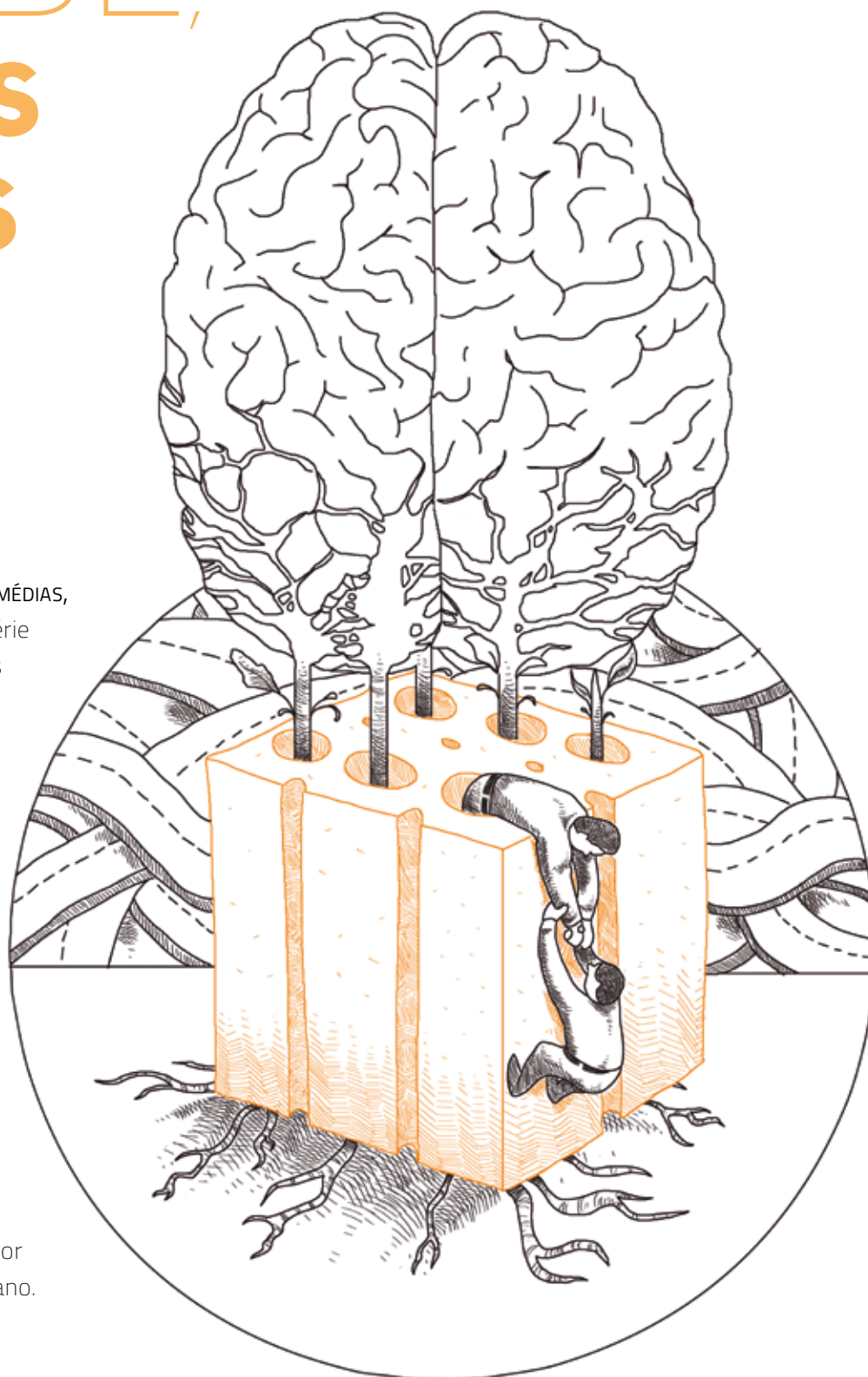
³ SANDEL, Michael. *Liberalism and the Limits of Justice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. Em port.: *O Liberalismo e os Limites da Justiça*. Trad. C.P. Amaral. Lisboa: Gulbenkian, 2005.

CIDADE, PESSOAS E REDES



CIBELE VIEIRA
FIGUEIRA

AS CIDADES, SOBRETUDO AS GRANDES E MÉDIAS, há bastante tempo, colocam uma série de interrogações aos saberes das mais diferentes áreas; interrogações e desafios que, mesmo de forma diferenciada, interessam e dizem respeito a todos, independentemente da nossa vontade, pois fazem parte do nosso cotidiano enquanto cidadãos, de maneira compulsória. E não se trata de matéria fácil, porque, ao falarmos da cidade, não estamos nos referindo apenas a algo constituído de espaços e construções, mas também a uma realidade social e econômica de grande complexidade, no interior da qual se desenrola o nosso cotidiano.



O foco do trabalho que Geoffrey West vem desenvolvendo está voltado para a cidade. Como ele mesmo explicita, o faz buscando conhecê-la através de um enfoque diferente, empregando instrumentos de análises distintos dos usuais, vislumbrando a cidade como um organismo vivo, do qual é possível conhecer a sua estrutura, interpretar seu estado e estabelecer um diagnóstico. Faz uma leitura do seu funcionamento, utilizando-se, para tanto, de indicadores quantitativos, de natureza semelhante aos encontrados nas investigações feitas no âmbito da física e da biologia. Seu método utiliza preceitos matemáticos descritivos, baseados em parâmetros estatísticos, abordando diferentes aspectos, tais como evolução, organização, produtividade, etc., relacionando-os à população e às dimensões das cidades. E, por esse caminho, chega à construção de gráficos que, como aqueles utilizados em estudos biológicos, nos revelariam princípios genéricos universais que, segundo ele, ajudam a entender os diferentes processos de formação da cidade.

Conforme West, os organismos vivos, assim como todos os sistemas, dependem de redes básicas de funcionamento, e o que nos seres vivos se compõe do sistema nervoso, venoso, etc., na cidade se estabelece de duas maneiras: o sistema físico, constituído pelas redes de infraestrutura (vias, iluminação, gás, etc.); e o sistema constituído pelas relações entre as pessoas, organizadas em distintos grupos de interesses. Relações que seriam os



O papel da academia deve ser o de contribuir para ações que favoreçam projetos para a cidade real, ampliando a interação entre as pessoas e entre as diferentes áreas de conhecimento.



grandes geradores de inovação, matéria-prima básica para a criação de sistemas que não deixariam colapsar o ciclo de crescimento das cidades, visto que, diferentes dos organismos vivos, as cidades não podem morrer. Por isso, afirma com muita convicção que as grandes cidades são melhores ecossistemas, pois oportunizam o intercâmbio necessário para novas criações.

O Movimento Moderno ensinou a nós arquitetos, especialmente no que se refere ao urbanismo, os riscos de interpretar a cidade como matéria científica, pois tendemos a transformá-la em algo desumano. Entendê-la como fenômeno, decompondo-a em componentes mais simples para encontrar valores universais nos distancia da complexidade e, portanto, da cidade real. Como dito por Sérgio Magalhães, “a certeza da modernidade deu lugar à incerteza”. Também



cabe perguntar para onde nos leva analisar a cidade dessa forma objetiva? E que valor pode haver estabelecendo leis gerais para resolver os problemas específicos atuais das cidades?

Porém, no que se refere às redes constituídas por pessoas, como matéria-prima para incentivar mudanças, essa é uma ideia que vem sendo impulsionada também pelas novas tecnologias que permitem, além de um maior acesso à informação, uma maior interação entre diferentes grupos. Em Porto Alegre, essa cultura de redes de intercâmbio tem ajudado a gerar debates, encontros, caminhadas e outros eventos interessantes sobre nossa cidade. Desde o início de 2013, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUCRS (FAU) está envolvida diretamente com grupos focados na requalificação da região do 4º Distrito da cidade de Porto Alegre, entendendo que essa passará por um rápido processo de transformação, do qual é muito importante fazer parte, para que não seja guiado somente por regras de especulação imobiliária. Com esse objetivo, a FAU

vem promovendo reuniões com estudantes, sociedade civil, representantes da prefeitura, empresários e associações, além de consultores externos. Isso enriquece tanto os projetos de pesquisa como as disciplinas do curso que, em formato de Ateliê Vertical de Ideias, estão envolvidas de forma integral com esse desafio.

Se as cidades oportunizam o intercâmbio, como diz Geoffrey West, o papel da academia deve ser o de contribuir para o estímulo de ações que possam favorecer projetos para a cidade real, ampliando, assim, a interação não somente entre as pessoas, mas também entre as diferentes áreas de conhecimento. O desafio do presente é buscar promover cidades vibrantes desde o ponto de vista social, cidades capazes de ter uma economia autossuficiente, inovadora e que, aliadas a uma boa arquitetura, criem um ambiente muito mais humano.

ARANTES, Otília. *A cidade do pensamento único*. Desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000.

CORSINI, José Maria. *Diseño urbano y pensamiento contemporáneo*. México: Oceano, 2004.

GEHL, Jan. *Cidade para pessoas*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MAGALHÃES, Sérgio. *A cidade na incerteza: ruptura e contiguidade em urbanismo*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2007.

WEST, Geoffrey. *The surprising math of cities and corporations*. TED Talk: julho de 2011. Disponível em: <http://www.ted.com/talks/geoffrey_west_the_surprising_math_of_cities_and_corporations>.

VILÃO OU MOCINHO?

TRAJETÓRIA DO DESENVOLVIMENTO MORAL NA INFÂNCIA

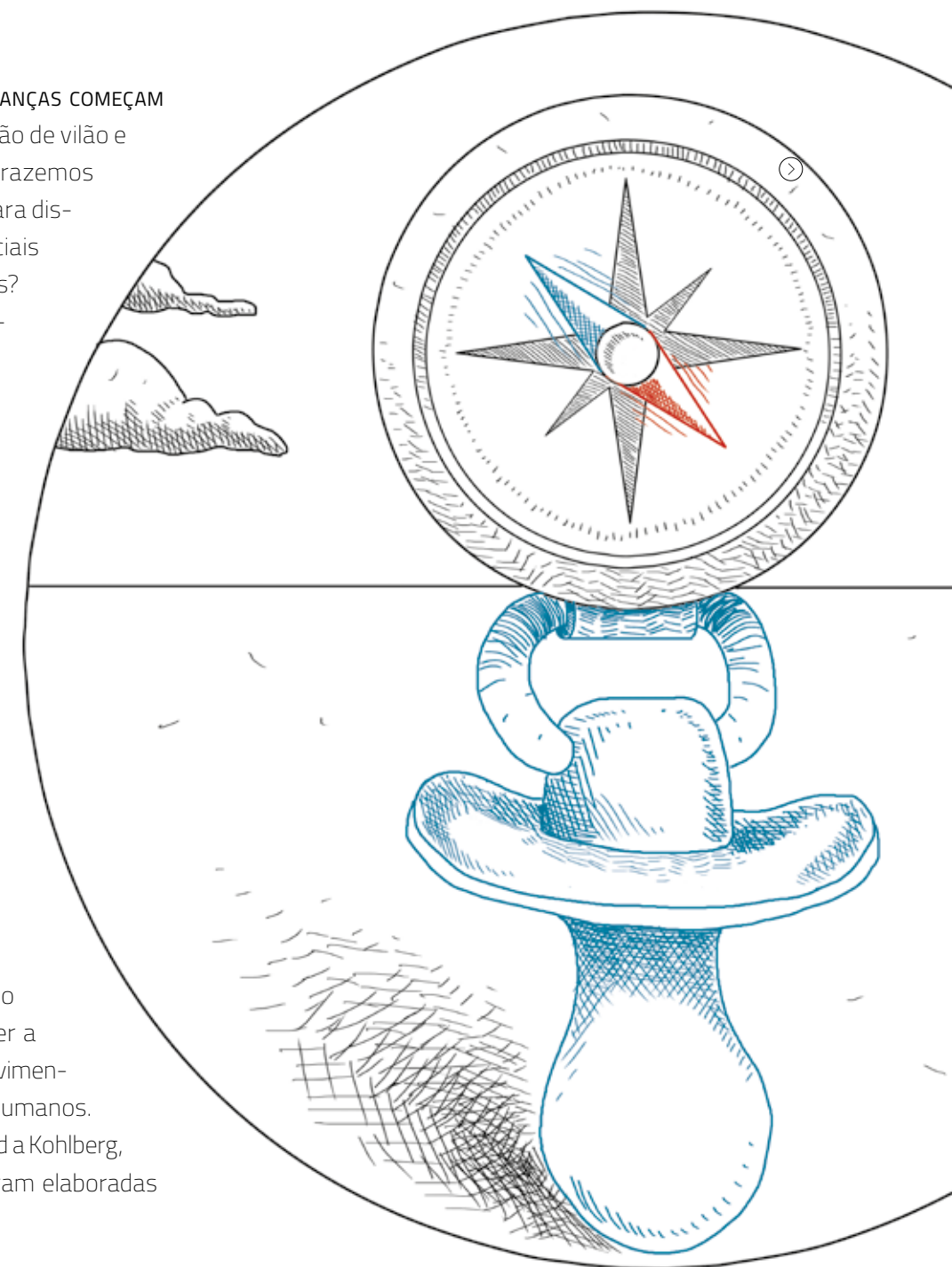


ADRIANE X.
ARTECHE

COM QUE IDADE AS CRIANÇAS COMEÇAM

a compreender a noção de vilão e mocinho? Será que trazemos um potencial inato para distinguir ações pró-sociais de ações antissociais? A nossa avaliação sobre o certo *versus* o errado de um comportamento varia se estivermos (ou não) implicados diretamente na situação? Sob que circunstâncias uma ação moralmente incorreta seria justificável?

Tais questionamentos não são recentes e, desde o século 19, estudiosos do comportamento buscam compreender a trajetória do desenvolvimento moral dos seres humanos. Na Psicologia, de Freud a Kohlberg, diferentes teorias foram elaboradas



para explicar como nos tornamos capazes de classificar comportamentos em bons *versus* maus, corretos *versus* incorretos. Inspirados pelos conceitos de filósofos como George Mead e James Baldwin, Jean Piaget e Lawrence Kohlberg foram os principais expoentes no tema. Ambos estavam interessados nas estruturas universais implicadas no desenvolvimento de uma noção de moral e propuseram fases invariantes de desenvolvimento moral cujo primeiro estágio seria uma fase "amoral". Durante décadas, tais ideias dominaram o cenário científico sobre o tema e houve pouco avanço no campo. Recentemente, no entanto, o tópico ressurgiu como um dos grandes interesses da comunidade científica, e a imediata sequência de pesquisas tem contribuído para elucidar questões-chave sobre como, quando e por que construímos uma noção de certo/errado (Lapsley & Carlo, 2014).

Atualmente, entende-se a construção do desenvolvimento moral a partir da integração de componentes individuais como genética e temperamento com fatores externos como cultura e socialização. Evidências oriundas da neurociência indicam que a maturação de estruturas cerebrais, em especial de áreas pré-frontais, é requisito fundamental para o desenvolvimento moral típico (Taber-Thomas, Asp, Koenigs, Sutterer, Anderson & Tranel, 2014). Além disso, concepções inovadoras têm sido propostas acerca da idade em que potenciais precursores de um senso moral podem ser identificados, bem como da relação entre aspectos racionais e aspectos emocionais na estruturação de uma identidade moral. Nesse contexto, Paul Bloom emerge como um dos principais expoentes.

O psicólogo canadense e seu grupo de pesquisa da Universidade de Yale têm se dedicado ao estudo da moralidade e da linguagem, priorizando investigações com crianças e, até mesmo,



Mesmo que relativamente estável e com precursores inatos, o papel ativo de pais e cuidadores na formação dessa identidade moral é destacado por pesquisadores.



com bebês. Experimentos recentes mostraram que bebês de até seis meses de idade demonstram preferência por personagens cooperativos e altruístas em detrimento de personagens não cooperativos (Hamlin et al., 2011). Além disso, Hamlin (2013) indica que bebês de cinco meses de idade parecem basear suas avaliações sobre um personagem no desfecho resultante das ações dos mesmos; mas, aos oito meses de idade, os bebês já tendem a levar em consideração a intenção moral do personagem (ainda que o desfecho almejado não tenha sido alcançado). Tais resultados apontam para a existência de um conhecimento acerca de ações corretas *versus* incorretas que precede em muitos meses o surgimento da linguagem (Lapsley & Carlo, 2014) e indicam uma potencial propensão natural dos indivíduos para o altruísmo. Ou, ainda, como Hamlin (2013) aponta, reforçam a hipótese da existência de um precursor moral inato.

Desdobramentos de tais concepções sugerem que o senso moral dos indivíduos compõe

parte de uma identidade moral formada por emoções morais como culpa e empatia, cognições morais e ações morais; sendo as emoções e cognições mais estáveis e fortemente associadas a características de personalidade, enquanto as ações são suscetíveis a aspectos contextuais. Mesmo que relativamente estável e com precursores inatos, o papel ativo de pais e cuidadores na formação dessa identidade moral é destacado por pesquisadores. Narrativas maternas acerca da moralidade, por exemplo, auxiliam a estruturação de uma identidade pró-social – que pode manter-se inalterada mesmo quando a criança ou adulto é confrontado com uma situação de falha moral (Pasupathi & Wainryb, 2010).

Implicações dos estudos sobre desenvolvimento moral têm sido observadas também no entendimento e intervenção de situações da atualidade como o *bullying*. A importância da pró-sociabilidade e empatia no *bullying* (Dias, Lisboa, Koller & DeSousa, 2011) e nas relações de amizade na infância têm sido alvo de pesquisas desenvolvidas na PUCRS pelo Grupo Relações Interpessoais e Violência: Contextos Clínicos, Sociais, Educativos e Virtuais. Vilões e mocinhos parecem ser

reconhecidos desde mui-



to cedo, mas a Psicologia e as relações sociais têm muito a contribuir para a modulação dos comportamentos dirigidos para cada um dos lados. Almeja-se com o avanço dos estudos nessa área não apenas compreender o desenvolvimento moral, mas também promover estratégias de intervenção que potencializem as relações sociais e colaborem para o bem-estar emocional e qualidade de vida geral.

BLOOM, P. The Moral Life of Babies. *New York Times Magazine*, mai. 2010.

DESOUZA, D.; WENDT, G. W.; LISBOA, C.; KOLLER, S. H. Psychometric Properties of the Brazilian Version of the Friendship Quality Questionnaire (FQQ) in a Community Sample of Children and Early Adolescents. *Universitas Psychologica*, 13, 2014.

DIAS, T.; LISBOA, C. S. M.; KOLLER, S. H.; DESOUZA, D. Aggression and Prosociality – Risk and Protection Dynamics on Popularity and Bullying. *Psyche (Santiago. Impresa)*, 20, 121-131, 2011.

HAMLIN, J. K. Moral judgment and action in preverbal infants and toddlers: Evidence for an innate moral core. *Current Directions in Psychological Science*, 22(3): 186 - 193, 2013.

HAMLIN, J. K.; WYNN, K.; BLOOM, P.; MAHAJAN, N. How infants and toddlers react to antisocial others. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United*, 108, 19931 - 19936, 2011.

LAPSLEY, D.; CARLO, G. Moral development at the crossroads: new trends and possible futures. *Developmental Psychology*, 50(1), 1-7, 2014.

PASUPATHI, M.; WAINRYB, C. Developing moral agency through narrative. *Human Development*, 53, 55-80, 2010.

TABER-THOMAS, B. C.; ASP, E. W.; KOENIGS, M.; SUTTERER, M.; ANDERSON, S. W.; TRANEL, D. Arrested development: early prefrontal lesions impair the maturation of moral judgement. *Brain*, 137, 1254-1261, 2014.

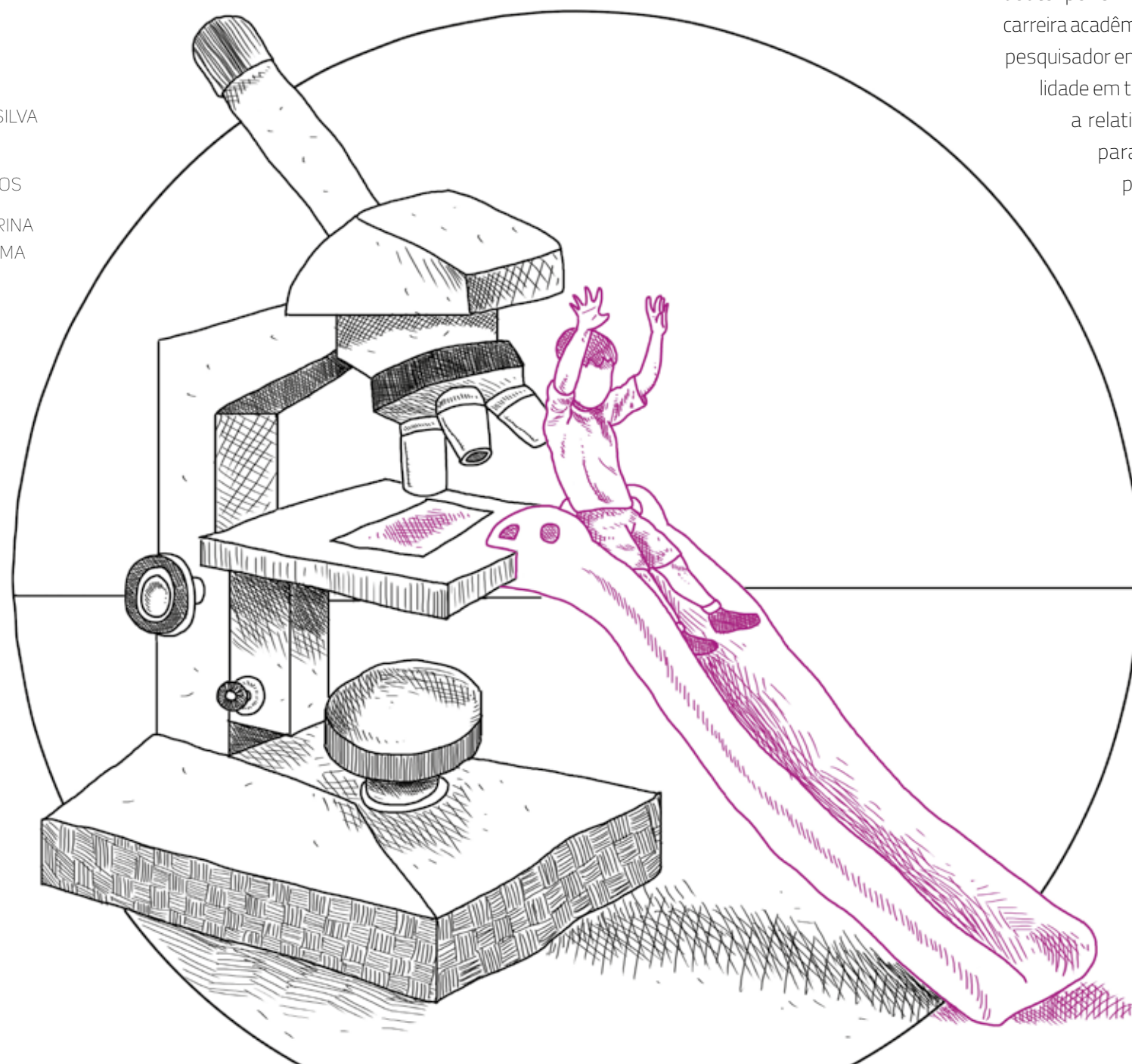
A DIVULGAÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO: O EXEMPLO DE BRIAN GREENE



ANA MARIA
MARQUES DA SILVA

MAURIVAN
GÜNTZEL RAMOS

VALDEREZ MARINA
DO ROSÁRIO LIMA



CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA DE BRIAN GREENE

BRIAN GREENE, FÍSICO FORMADO EM HARVARD E doutor por Oxford, poderia ter optado por uma carreira acadêmica tradicional como professor e pesquisador em física teórica. Porém, sua habilidade em traduzir temas complexos, como a relatividade e a mecânica quântica, para uma linguagem acessível ao público, o tornou mundialmente famoso na divulgação do conhecimento científico. Autor de ensaios e editoriais no *The New York Times* e *Newsweek*, Greene vem publicando livros, produzindo vídeos educativos e promovendo eventos que aproximam o público do conhecimento científico.

Greene é autor de três obras de divulgação científica voltadas para o público adulto, que utilizam metáforas e analogias simples e familiares, em uma narrativa repleta de emoção e encantamento. Em *O Universo Elegante* (2001), o

autor desfaz o mito da teoria das supercordas, construindo uma representação do universo com onze dimensões, em que o espaço é apresentado como um tecido que se despedaça e se reconstrói continuamente, e toda matéria – dos quarks às supernovas – é gerada pelas vibrações de minúsculas cordas de energia. *O Tecido do Cosmo* (2005) aborda conceitos fundamentais da física, espaço e tempo, apresentando as distintas visões do universo. *A Realidade Oculta* (2012) narra o esforço humano para compreender o universo, partindo da teoria da relatividade, do Big Bang e da expansão do universo, apresentando nove modelos que apontam para a possibilidade de existência de universos paralelos. *Icarus at the Edge of Time* (2008) é um livro infantil, no qual Greene reinventa o mito clássico grego de Ícaro, ao trocar as asas de cera e a jornada para o Sol pela aventura no espaço profundo e pelo poder dos buracos negros.

Premiados e traduzidos em dezenas de línguas, dois de seus livros (*O Universo Elegante* e *O Tecido do Cosmo*) foram adaptados para minisséries, materializando os conceitos abordados em episódios repletos de efeitos especiais. A partir do livro *Icarus*, foi realizada uma adaptação orquestral, na qual um narrador apresenta a aventura do personagem em uma viagem que dramatiza os *insights* de Einstein sobre a relatividade.

Em 2008, Greene, buscando um novo tipo de vivência científica, funda a Science Festival Foundation, que promove o World Science Festival, uma programação científico-cultural aberta à população em geral, por meio de palestras, exposições artísticas e atuações performáticas, também disponibilizadas on-line (www.worldsciencefestival.com).

Greene idealiza ainda o ambiente virtual World Science U (www.worldscienceu.com), que disponibiliza o acesso livre a vídeos que tratam do universo, relatividade, supercordas e mecânica quântica, entre outros temas. Vídeos de curta duração respondem a perguntas sobre física. Minicursos sobre tópicos de relatividade e mecânica quântica são especialmente elaborados para pessoas interessadas nesses temas. Nos cursos sobre relatividade geral, relatividade especial e mecânica quântica, livremente disponíveis para estudantes universitários, Greene mostra sua capacidade de comunicação ao oferecer material didático de excelente qualidade técnica e visual.

A UNIVERSIDADE SEGUINDO O EXEMPLO DE BRIAN GREENE NA POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA

As instituições educativas têm a função de formar cidadãos em coerência com uma concepção de sociedade que faça sentido em um determinado período da história. Particularizando a reflexão para o contexto contemporâneo e para o âmbito da universidade, destaca-se sua função substantiva na disseminação do conhecimento produzido e na criação de oportunidades para que se realizem debates e reflexões críticas a respeito



Nos cursos sobre relatividade geral, relatividade especial e mecânica quântica, Greene mostra sua capacidade de comunicação ao oferecer material didático de excelente qualidade técnica e visual.



de sua capacidade para oferecer soluções renovadas aos desafios que se impõem nos novos tempos (Herrera, 2009).

Na PUCRS, múltiplas ações são desenvolvidas para atender aos compromissos que lhe são inerentes. Dentre elas, citam-se as propostas de popularização da ciência do Museu de Ciências e Tecnologia, concretizadas pelos experimentos interativos e exposições sobre temáticas contemporâneas. No local, são oferecidas situações nas quais estudantes, professores e população em geral apropriam-se da linguagem científica, significando os fenômenos ali apresentados.

No Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, por exem-

plo, há um permanente esforço para reduzir a distância entre os conhecimentos produzidos por meio da pesquisa acadêmica e a prática docente, apresentando alternativas para qualificar a educação científica.

Outra iniciativa voltada a melhorar a prática de professores da educação básica, qualificando-os para popularizarem a ciência, é o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). Sob a orientação de coordenadores de área e de professores supervisores no âmbito de comunidades de prática (WENGER, 2002), os licenciandos estudam a realidade da escola e refletem sobre ela, significando-a à luz das teorias disponíveis, num processo de aproximação entre a pesquisa acadêmica e a prática docente.

Portanto, considerando a grande e complexa produção científica que ocorre no mundo acadêmico e que necessita ser popularizada para que possa ser apropriada e compreendida por um número cada vez maior de pessoas, iniciativas como as de Brian Greene são exemplares para o meio universitário.



GREENE, B. *O Universo Elegante: supercordas, dimensões ocultas e a busca da teoria definitiva*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

_____. *O Tecido do Cosmo: o espaço, o tempo e a textura da realidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

_____. *Icarus at the Edge of Time*. New York: Knopf Doubleday Publishing Group, 2008.

_____. *A Realidade Oculta: universos paralelos e as leis profundas do cosmo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

HERRERA, A. Responsabilidade social das Universidades. In: GLOBAL UNIVERSITY NETWORK FOR INNOVATION. *Educação superior em tempos de transformação: novas dinâmicas para a responsabilidade social*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

WENGER, E.; MCDERMOTT, R.; SNYDER, W. *Cultivating communities of practice: a guide to managing knowledge*. Boston: Harvard Business School Press, 2002.

SUSTENTABILIDADE

REVISITADA



JUAREZ
FREITAS



A HUMANIDADE corre real perigo de retrocesso civilizatório. Negar, nessa altura, os malefícios dos bilhões de toneladas de gases tóxicos parece atitude despida da mínima cientificidade. Para sair dessa rotina insana, a sociedade do conhecimento terá de tornar-se uma sociedade do autoconhecimento, voltada à homeostase sociocultural.¹ Somente assim reunirá forças objetivas para fazer frente à magnitude das múltiplas crises que interagem entre si. Trata-se da crise do aquecimento global, do ar irrespirável, da desigualdade brutal de renda, da tributação regressiva e indireta, da carência flagrante de qualidade educacional (cognitiva e de caráter), do *stress* hídrico, da regulação inerte ou tardia, do desaparecimento de espécies e da produção de resíduos em ritmo superior ao da população.

Cumprir notar que, apesar dos pesares, pesquisas valiosas do baixo carbono aparecem no radar. O Brasil tem tudo para conver-

ter-se numa das lideranças mundiais nesse tipo de pesquisa (inclusive na seara jurídica), desde que aprenda a pensar a longo prazo, ou seja, em termos consequenciais, interdisciplinares e sistêmicos. A boa notícia é que a noção de crescimento econômico, a qualquer custo, passou a ser problematizada.

Assim, por exemplo, já se cobram legalmente contratações públicas sustentáveis (pela força indutora do Estado), com a ponderação de custos e benefícios, diretos e indiretos (externalidades). Se o enxofre, liberado pelo diesel mineral, à diferença do diesel vegetal, mata milhares de pessoas por ano, já se cobra a eliminação desse veneno o quanto antes. O direito a cidades sustentáveis, em rigoroso cumprimento do Estatuto da Cidade e da Lei de Mobilidade Urbana, é outro exemplo de cobrança robusta de sustentabilidade, seja pela regularização fundiária, seja pela prioridade ao transporte público, como postularam movimentos sociais em junho de 2013 por todo o país.

Nessa perspectiva, o princípio constitucional da sustentabilidade determina, com eficácia direta e imediata, a responsabilidade do Estado e da sociedade pela concretiza-

ção solidária do desenvolvimento material e imaterial, socialmente inclusivo, durável e equânime, ambientalmente limpo, inovador, ético e eficiente, no intuito de assegurar, preferencialmente de modo preventivo e precavido, no presente e no futuro, o direito ao bem-estar.

Assim reformulado, não é contradição em termos. Abrange elementos indispensáveis, a saber: (1) caráter vinculante de princípio constitucional (CF, art. 225); (2) eficácia (resultados justos, não mera aptidão para produzir efeitos jurídicos); (3) eficiência (o uso de meios idôneos); (4) ambiente limpo; (5) probidade (dimensão ética); (6) prevenção (dever de evitar danos certos); (7) precaução (dever de evitar danos prováveis); (8) solidariedade intergeracional (reconhecimento dos direitos das gerações presentes e futuras); (9) responsabilidade do Estado e da sociedade; e (10) bem-estar (acima das necessidades materiais). Nenhum desses elementos pode faltar, sob pena de reducionismo inaceitável.



É imperioso que a sustentabilidade ampla seja, em definitivo, integrada ao escrutínio das políticas públicas.



Do exposto, verifica-se que o valioso Relatório Brundtland² foi (e é) importante fonte de inspiração, mas importa dar novos passos. Não é pouco pretender o desenvolvimento que satisfaça as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir as suas. Progresso notável. No entanto, força deixar nítido que as necessidades atendidas não podem ser aquelas fabricadas ou hiperinflacionadas pelo consumismo em cascata. Nesse aspecto, acerta Amartya Sen, Prêmio Nobel de Economia em 1998, ao defender que a sustentabilidade ultrapasse os limites do merecidamente festejado conceito proposto pelo Comitê Brundtland.³

É imperioso que a sustentabilidade ampla seja, em definitivo, integrada ao escrutínio das políticas públicas (tema-chave do grupo de pesquisas Interpretação Constitucional e Direito Administrativo, no Programa de Pós-Graduação em Direito da PUCRS). Nessa linha, em lugar do desenvolvimentismo cego ou, na melhor das hipóteses, míope, o conceito

alargado dá conta da requerida multidimensionalidade do bem-estar. Ou, numa fórmula sintética, mostra-se capaz de assegurar as condições favoráveis para o bem-estar, físico e psíquico, das gerações presentes e futuras, sem sonegar o progresso imaterial, que implica equidade, em sentido forte, na relação com as gerações futuras e, ao mesmo tempo, com as gerações presentes.⁴

¹ DAMÁSIO, Antônio. *E o cérebro criou o homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 44, a propósito da homeostase sociocultural, que abrange a busca deliberada do bem-estar.

² A norueguesa Gro Brundtland presidiu a Comissão que elaborou o documento "Nosso Futuro Comum," da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, em 1987, contribuição, sem dúvida, notável.

³ SEN, Amartya. *The Idea of Justice*. Cambridge: Harvard University Press, 2009.

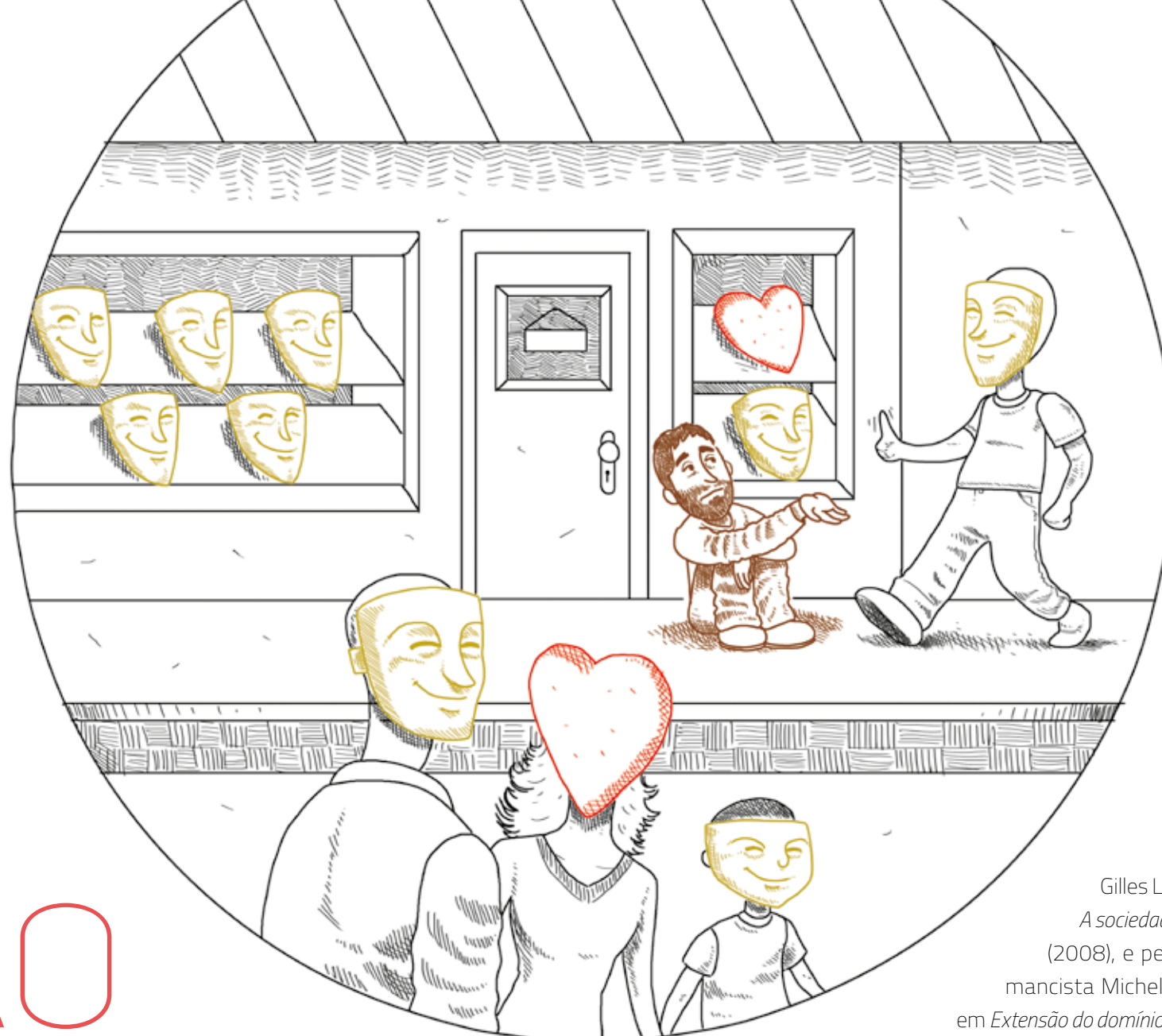
⁴ FREITAS, Juarez. *Sustentabilidade: Direito ao Futuro*. 2. ed. BH: Fórum, 2012.



PASCAL BRUCKNER, O CRÍTICO DA FELICIDADE COMO OBRIGAÇÃO

● ● ●
JUREMIR
MACHADO DA SILVA

ENSAÍSTA E ROMANCISTA FRANCÊS, NASCIDO EM 15 de dezembro de 1948, Pascal Bruckner é um escritor consagrado, com mais de 15 livros importantes publicados e traduzidos em vários países. Analista de temas de impacto no cotidiano das sociedades pós-modernas, hipermodernas ou da modernidade tardia, ele só poderia figurar na seleta lista de palestrantes do ciclo *Fronteiras do Pensamento*, com apoio da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bruckner fez parte do chamado grupo dos “novos filósofos”, junto com Alain Finkielkraut, Bernard-Henri Lévy e André Glucksmann, uma turma de pensa-



Gilles Lipovetsky, em *A sociedade da decepção* (2008), e pelo célebre romancista Michel Houellebecq em *Extensão do domínio da luta* (2002).

dores, “filhos de maio de 1968”, que atacou o marxismo, o estruturalismo e os totalitarismos de esquerda e de direita num tempo em que as ditas utopias revolucionárias ainda incendiavam a imaginação de estudantes e de intelectuais dispostos a mudar o mundo.

Um dos seus temas mais relevantes é o do culto à felicidade. Em *A euforia perpétua*, ensaio sobre o dever da felicidade (2002), ele investiu contra um dos pilares do senso comum pós-1968: o imperativo categórico, a obrigação de ser feliz, um imaginário que gera frustração e depressão. Essa perspectiva também é sustentada por outro filósofo francês,

Bruckner está em sintonia com o seu tempo e com a sua cultura. Se antes de 1968 as noções de dever e de sacrifício determinavam os comportamentos e produziam infelicidade, depois das revoltas estudantis que abalaram o mundo, impôs-se uma espécie de liberação total e de obrigação de satisfazer todos os desejos. A mídia passou a ter papel determinante na produção e consolidação dessa visão de mundo. Não ser feliz, conforme os padrões dominantes, tornou-se sinônimo de fracasso e de crise existencial.

Bruckner usa a ficção e o ensaio para pensar sobre problemas contemporâneos. Não teme fazer uma ficção ensaística. Já ganhou importantes prêmios literários franceses como



Não ser feliz,
conforme os padrões
dominantes, tornou-se
sinônimo de fracasso
e de crise existencial.



o Médicis (1995) e o Renaudot (1997). O que é a felicidade? Como encontrá-la? O que fazer com ela? Pascal Bruckner indica que as pessoas têm dificuldade para definir felicidade, o que as deixa confusas em relação ao que buscar, ficam apáticas depois de conquistar alguma das supostas marcas da felicidade e desenvolvem temores de todo tipo, tornando-se frágeis por medo de perder, de não estar à altura das expectativas sociais e por comparação com outras pessoas pretensamente mais felizes. A felicidade teria passado a ser um atestado de êxito na sociedade. Não ser feliz equivaleria a não ser bem-sucedido, a ser um fracassado.

Outro tema recorrente de Pascal Bruckner é o amor. Em *O Paradoxo Amoroso - Ensaio sobre as Metamorfoses da Experiência Amorosa* (2011), ele sustenta que os amantes de hoje sofrem por excesso e não por falta. Quando tudo se torna possível e permitido, diariamente estimulado, a rotina e o tédio espreitam cada romance. Como renovar a experiência afetiva num universo de esgotamento das relações pela banalização dos rituais, dos limites e dos sonhos?

Michel Houellebecq fala na sexualidade como um sistema de hierarquia social. Não é incorreto sugerir que para Pascal Bruckner a felicidade é um sistema implacável de distinção social com forte influência da mídia e da indústria cultural, temas que têm sido estudados pelos pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS nas suas investigações de estudos culturais, imaginário e espetacularização da sociedade. O professor Francisco Rüdiger, por exemplo, é autor de *O amor na mídia - problemas de legitimação do romantismo tardio* (2013), obra na qual aborda a procura incessante das pessoas pelo bem-estar orientado, essa era do terapêutico, do desenvolvimento pessoal, dos manuais de autoajuda e do culto ao corpo perfeito e da obrigação de realizar-se inteiramente. De maneira sutil, Pascal Bruckner relança uma velha questão: tudo na vida se tornou, como denunciava Guy Debord, mercadoria? A felicidade é um produto a ser comprado e consumido?

BRUCKNER, Pascal. *A euforia perpétua*. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

_____. *O Paradoxo Amoroso - Ensaio sobre as Metamorfoses da Experiência Amorosa*. Rio de Janeiro: Difel, 2011.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HOUELLEBECQ, Michel. *Extensão do domínio da luta*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LIPOVETSKY, Gilles. *A sociedade da decepção*. Bauru: Manole, 2008.

RÜDIGER, Francisco. *O amor na mídia - problemas de legitimação do romantismo tardio*. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2013.

SOBRE OS AUTORES

SALMAN RUSHDIE E RICARDO PIGLIA: LITERATURA COMO EXPERIÊNCIA VIVIDA NO MUNDO

JANAINA DE AZEVEDO BALADÃO é doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2013). Também é especialista em Tradução de Espanhol (2013) pela Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro, bem como especialista em Estudos Avançados em Língua Espanhola pela PUCRS (2007). Atualmente é professora e coordenadora do Laboratório de Línguas Ir. Adelino Martins da Faculdade de Letras da PUCRS.

REGINA KOHLRAUSCH é doutora em Letras, Teoria da Literatura, pela PUCRS (2004). Realizou seu estágio pós-doutoral na Universidade de Vigo, Espanha, em 2010-2011, com bolsa CAPES-Fundación Carolina. É professora titular da Faculdade de Letras da PUCRS, com atuação na Graduação e Pós-Graduação. Desenvolve projetos de pesquisa junto ao DELFOS - Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS e, desde 2012, coordena o Grupo de Pesquisa Escritores Sulinos.

SANDEL, RAWLS E O FUTURO DAS DEMOCRACIAS LIBERAIS EM NOSSO SÉCULO

NYTHAMAR DE OLIVEIRA é Ph.D. pela State University of New York (1994), pesquisador do CNPq (desde 1995) e professor de Ética e Filosofia Política (desde 1999) da PUCRS, onde coordena o Grupo de Pesquisa em Neurofilosofia, no Instituto do Cérebro do Rio Grande do Sul, e atua no Centro Brasileiro de Pesquisas em Democracia, que criou em 2009. Autor de três livros, coorganizou sete volumes e publicou mais de 50 artigos em periódicos nacionais e internacionais.

CIDADE, PESSOAS E REDES

CIBELE VIEIRA FIGUEIRA graduou-se em Arquitetura e Urbanismo em 1994. Concluiu seu doutorado na Universidade Politécnica de Barcelona em 2006. Desde 2012 é professora do curso de graduação da FAU-PUCRS e, em 2013, começou a atuar como pesquisadora do Núcleo de Estudos da Cidade.

VILÃO OU MOCINHO? TRAJETÓRIA DO DESENVOLVIMENTO MORAL NA INFÂNCIA

ADRIANEX ARTECHE é doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com estágio pós-doutoral pela Goldsmiths College (Inglaterra). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia do Desenvolvimento. Atualmente, é professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS, coordenadora do Grupo de Pesquisa Neurociência Afetiva e Transgeracionalidade e pesquisadora associada da University of Oxford (Inglaterra) e da University of Reading (Inglaterra).

A DIVULGAÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO: O EXEMPLO DE BRIAN GREENE

ANA MARIA MARQUES DA SILVA é doutora em Física pela Universidade de São Paulo. Professora titular da Faculdade de Física da PUCRS, coordena o Núcleo de Pesquisa em Imagens Médicas, no qual desenvolve pesquisas na aquisição, processamento e análise de imagens médicas, quantificação e dosimetria. Atua como orientadora de alunos de pós-graduação em educação em ciências, física médica e engenharia biomédica. Desde 2006 é diretora da Faculdade de Física da PUCRS.

MAURIVAN GÜNTZEL RAMOS é doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professor titular da Faculdade de Química da PUCRS, coordena o Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática. Coordena o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da PUCRS.

VALDEREZ MARINA DO ROSÁRIO LIMA é doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora adjunta da Faculdade de Educação da PUCRS, atua junto aos programas de Pós-Graduação em Educação e em Educação em Ciências e Matemática, desenvolvendo investigação em aprendizagem, ensino e formação de professores.

SUSTENTABILIDADE REVISITADA

JUAREZ FREITAS é professor titular do Programa de Pós-Graduação em Direito da PUCRS, professor associado da UFRGS e presidente do Instituto Brasileiro de Altos Estudos de Direito Público.

PASCAL BRUCKNER, O CRÍTICO DA FELICIDADE COMO OBRIGAÇÃO

JUREMIR MACHADO DA SILVA é doutor em Sociologia pela Universidade Sorbonne (Paris V) e professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS. Publicou 30 livros individuais, entre os quais *A sociedade "midíocre" – passagem ao hiperespetacular, o fim do livro, do direito autoral e da escrita* (Porto Alegre: Sulina, 2012).



